

Comportamento da indústria brasileira e da gaúcha no primeiro quadrimestre de 2004

Silvia Horst Campos*
Maria Lucrecia Calandro*

Economista da FEE e Professora da PUCRS.
Economista da FEE e Professora da PUCRS.

Resumo

No primeiro quadrimestre de 2004, o comportamento da produção física da indústria brasileira sinaliza uma retomada da trajetória de expansão. Esse desempenho deve ser creditado aos segmentos produtores de bens de capital e de bens duráveis de consumo, que, após dois anos de contração, poderão ampliar substancialmente a produção, estimulados pela fase favorável da atividade manufatureira. O mesmo comportamento pode ser identificado na maioria dos estados pesquisados pelo IBGE. No Rio Grande do Sul, a retomada da atividade fabril foi amplamente influenciada pelo desempenho do agronegócio e das exportações, impulsionado pelo aumento da produção agrícola nacional e da demanda externa.

Palavras-chave

Indústrias brasileira e gaúcha; produção industrial; conjuntura industrial.

Abstract

In the first four month period of 2004, the behavior of the Brazilian industry physical production showed the retaking of a growth trend. That performance reflects the expansion in the capital goods and durable consumer goods

* As autoras agradecem ao estagiário Cristiano Ponzoni Ghinis pelo apoio técnico fornecido.

segments, whose production may now substantially increase after two years of retraction, largely influenced by the present favorable moment of the manufacturing activity. The same behavior can be identified in the majority of the states searched by the IBGE. In Rio Grande do Sul, the retaking of the industrial activity was greatly influenced by the agribusiness and exports performances, stimulated by the national agricultural production and external demand growth.

Artigo recebido em 03 ago. 2004

Após um ano de desempenho pífio, a produção industrial, brasileira e gaúcha, retoma a trajetória de expansão, o que pode ser constatado pela análise dos principais indicadores de variação do nível de atividade fabril: índices de produção física, vendas, utilização da capacidade instalada, dentre outros. A recuperação na quantidade produzida teve início no segundo semestre de 2003 e prossegue pelo ano em curso, permitindo prever uma expressiva taxa de crescimento no indicador acumulado, com boas perspectivas de voltar e, até mesmo, superar o patamar de produção anterior à crise de energia ocorrida no ano de 2001 e ao “choque de credibilidade” do Governo Lula, que manteve a taxa de juros em nível bastante elevado no primeiro semestre de 2003.

Este artigo tem como objetivo analisar o desempenho da produção industrial, brasileira e gaúcha, no primeiro quadrimestre de 2004, a partir do comportamento dos principais indicadores do nível de atividade fabril. Inicialmente, são feitas algumas considerações a respeito dos ambientes interno e externo, destacando-se seus impactos sobre a atividade manufatureira, posteriormente, analisam-se os desempenhos dos índices de produção física.

Política econômica e desempenho industrial

A forte instabilidade do desempenho da produção industrial no período pós-desvalorização do real, em janeiro de 1999, que alterna períodos de expansão moderada da quantidade produzida e fases de crescimento praticamente nulo, recoloca freqüentemente a questão dos limites e das possibilidades de retomada da trajetória de crescimento econômico sustentado na agenda de discussões dos agentes econômicos e de políticos.

Colocados como pré-condição para o retorno do crescimento do PIB aos níveis anteriores aos da década perdida (taxa média anual de crescimento ao redor de 7%), a estabilização econômica e o ajuste das contas públicas não vieram acompanhados de crescimento econômico sustentado. “Os argumentos e justificativas oficiais para explicar eventuais mudanças de rumo e crises vão desde a herança do governo predecessor, passam pelos impactos de choques externos, e chegam até à falta de empenho dos empresários na ampliação dos investimentos.” (Ind. Diesp, 2004, p. 20). Ao restringirem dessa forma os diagnósticos sobre a estagnação da economia brasileira, relegam a um segundo plano o fato de que, para promover o crescimento econômico sustentável, é necessário haver compatibilização das políticas macro e microeconômica (política industrial) e a retomada dos investimentos estatais em infra-estrutura.

A manutenção dos índices inflacionários em patamares reduzidos, com contribuição decisiva para a melhora do ambiente macroeconômico, porém, não veio acompanhada de elevações nos investimentos,¹ condição necessária para alcançar a almejada senda do crescimento econômico. A elevação da carga tributária e a queda nos investimentos em infra-estrutura, necessárias para cumprir as exigências de ajuste fiscal, por um lado, e a permanência da austeridade monetária, justificada pela necessidade de controle dos preços, por outro, explicam o baixo nível de atividade econômica observado nos últimos anos. As quedas na produção, no emprego e na renda das famílias conformaram um quadro recessivo, que caracterizou a economia brasileira ao longo do segundo semestre de 2002 e permaneceu assim até a primeira metade de 2003.

A partir do segundo semestre de 2003, no entanto, pode-se observar uma pequena melhora, em razão, sobretudo, do abrandamento da política monetária, expresso nas reduções na taxa de juros básica; da concessão de incentivos fiscais direcionados para a indústria automobilística; e da conjuntura internacional mais favorável, explicada pela elevada liquidez internacional e pela recuperação do crescimento nas principais economias industrializadas.

O bom desempenho da atividade fabril prosseguiu ao longo dos quatro primeiros meses de 2004, subsidiando, assim, a formulação de projeções

¹ “Entre 2002 e 2003, a formação bruta de capital fixo acumulou queda de 10,5%. Esse patamar de retração só foi observado no Governo Collor, entre 1991 e 1992, ano do *impeachment* do ex-presidente.” (Ind. Diesp, 2004, p.20).

otimistas para o crescimento da produção industrial e do PIB no ano corrente, baseadas na recuperação dos principais indicadores do nível de atividade — emprego, horas trabalhadas, vendas, dentre outros —, permitindo, dessa forma, antecipar o resultado favorável para o ano em análise. Esse crescimento, no entanto, será restringido, porque “(...) baterá logo no teto de suas limitações macroeconômicas se não desmontar a armadilha formada por juros altos, pesada carga tributária e vulnerabilidade externa” (Armadilha..., 2003). Ou seja, o aumento da produção, do emprego e dos salários, aliado à capacidade ociosa em diversos segmentos industriais, cria um circuito virtuoso que permite a continuidade desse processo por um curto período de tempo, a partir do qual se torna vital a realização de um novo ciclo de investimentos. Dito de outra forma, a continuidade desse processo de recuperação irá depender não só do ritmo de evolução da demanda interna e do comportamento das exportações, mas também das decisões de investimento dos agentes econômicos.² A quase-ausência de investimentos em expansão de capacidade produtiva e em infra-estrutura, especialmente em energia e transportes, nos últimos 20 anos coloca-se como importante entrave a uma expansão mais acelerada da produção industrial.

Os segmentos ligados à agroindústria e ao setor externo continuam a impulsionar o crescimento da produção industrial, e o mercado interno, apesar do desempenho pouco expressivo no primeiro quadrimestre de 2004, apresenta alguns indícios de retomada, que podem se concretizar no segundo semestre do ano em curso. As perspectivas para o ano são de expansão da produção industrial e de crescimento pouco significativo dos níveis de emprego, à semelhança do comportamento registrado em boa parte dos anos 90.

² Em que pese a melhoria no ambiente macroeconômico — estabilização, saldos elevados na balança comercial, redução da taxa de juros, dentre outros indicadores —, os investimentos mantiveram-se em níveis extremamente baixos e concentrados em segmentos vinculados à agroindústria e às exportações. Uma retomada consistente dos investimentos privados exige uma perspectiva de médio e longo prazos de estabilidade e crescimento da demanda. Para a realização dos investimentos, “(...) avaliam-se os riscos envolvidos no aumento da capacidade produtiva cotejados, no médio e no longo prazo, pelo retorno esperado do capital aplicado na produção (...)”. Em outras palavras, “(...) mais vale um ambiente de perspectivas firmes de crescimento e não movimentos bruscos de expansão e contração (...)” (Ind. Diesp, 2004, p. 21).

Desempenho da indústria brasileira no primeiro quadrimestre de 2004

Como visto anteriormente, a indústria brasileira, na primeira metade de 2003, registrou quedas consecutivas na quantidade produzida, fato explicado pela política econômica restritiva e pelo baixo nível de crescimento da atividade econômica dos principais parceiros comerciais. A partir do segundo semestre, observa-se a retomada de uma trajetória expansionista, que, porém, não foi suficiente para impedir que a taxa de crescimento acumulada no ano registrasse um percentual negativo: -0,08% para a indústria geral e -0,28% para a indústria de transformação.³ A queda só não foi maior devido ao desempenho favorável da indústria extrativa.

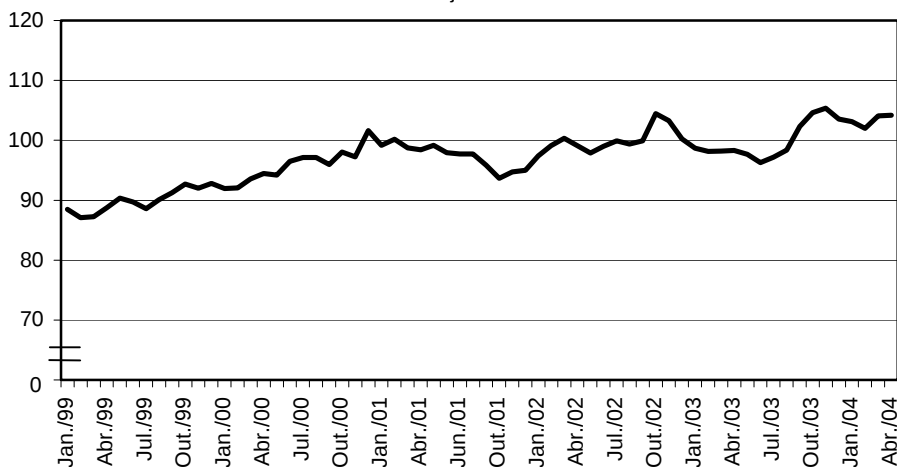
A variação da produção industrial pode ser analisada no Gráfico 1, que apresenta a evolução mensal do índice de produção física da indústria geral entre janeiro de 1999 e abril de 2004. Observa-se que, nos dois primeiros anos do período analisado, ocorreu um crescimento contínuo da produção física, impulsionado pelo aumento das exportações e pela expansão moderada da demanda interna. Tomando como referência o ano 2000, quando a produção industrial teve um crescimento bastante expressivo, os anos subsequentes caracterizam-se por oscilações sucessivas em torno de um mesmo patamar. Tal resultado é explicado pelas dificuldades trazidas pelo ambiente externo desfavorável, pela crise de energia elétrica, pelas incertezas do período pré-eleitoral e pela política econômica, que, exceto por curtos períodos de alívio, se manteve predominantemente restritiva, contribuindo para as frequentes oscilações na produção física da indústria brasileira.⁴

³ A divulgação da série reformulada de índices mensais da produção industrial, elaborados pelo IBGE, teve por objetivos: "(...) atualizar a amostra de atividades, produtos e informantes; elaborar uma nova estrutura de ponderação dos índices com base em estatísticas industriais mais recentes; e adotar, na PIM-PF, as novas classificações, de atividades e produtos, usadas pelas demais pesquisas da indústria a partir de 1996. A série reformulada tem início em janeiro de 2002 e sua implantação não implicou ruptura de séries históricas, uma vez que a série anterior, com início em janeiro de 1991, foi encadeada à nova, nos níveis de atividade, com quatro exceções (Edição, impressão e reprodução de gravações; Máquinas para escritório e equipamentos de informática; Equipamento de instrumentação médico-hospitalar, ópticos e outros; e Diversos), e categorias de uso" (Pesquisa..., 2004a).

⁴ Uma análise das políticas econômicas e de suas implicações para a economia brasileira pode ser encontrada em números anteriores da revista **Indicadores Econômicos FEE**.

Gráfico 1

Evolução mensal do índice de produção física da indústria geral
no Brasil — jan./99-abr./04



FONTE: PRODUÇÃO física industrial: Brasil — número-índice. Rio de Janeiro: IBGE, 2004.

Disponível em: <http://www.sidra.ibge.gov.br>. Acesso em: 24 jun. 2004.

NOTA: Índice de base fixa mensal com ajuste sazonal, tendo como base a média de 2002 = 100.

No primeiro quadrimestre de 2004, o comportamento da produção industrial mostra sinais de expansão, evidenciando uma provável mudança de patamar no ano corrente. Ressalte-se que, somente a partir de abril, quando os dados da pesquisa industrial mostram crescimento pelo segundo mês consecutivo, entidades de classe, instituições de pesquisa e empresários passaram a se manifestar sobre a possibilidade de este ano marcar o início de um novo ciclo de expansão da atividade produtiva. Além do bom desempenho das exportações e da agroindústria, as perspectivas de retomada da trajetória de expansão, agora, baseiam-se também no aumento do crédito interno, estimulando a venda de bens de consumo duráveis. A dúvida, porém, continua sendo o tipo e a duração desse ciclo de crescimento.

A Tabela 1 apresenta as taxas de crescimento acumuladas da produção física da indústria por categorias de uso no período de janeiro a abril de 2002, de 2003 e de 2004 e a taxa acumulada em 12 meses, possibilitando comparar o desempenho e avaliar a evolução da produção física dos diversos segmentos industriais. Constata-se, inicialmente, que, após resultados nulo ou negativo em

2004, mesmo descontado o efeito da base de comparação deprimida, há uma sensível recuperação da atividade fabril, o que está representado pela taxa de crescimento de 6,11% de janeiro a abril de 2004 para a indústria geral. Na formação dessa taxa, aparecem com destaque os segmentos produtores de bens de capital e de bens duráveis de consumo, os quais vinham registrando taxas negativas nos dois períodos anteriores.

Tabela 1

Taxa de crescimento acumulada da produção física da indústria,
por categoria de uso, no Brasil — 2002/04

(%)

SEGMENTOS	ACUMULADA JAN-ABR (1)			ACUMULADA EM 12 MESES ATÉ ABR/04 (2)
	2002	2003	2004	
Bens de capital	-5,57	-5,05	21,44	10,50
Bens intermediários	-0,01	3,20	4,70	2,36
Bens de consumo	2,44	-3,69	5,09	-0,11
Duráveis.....	-2,28	-1,64	21,12	10,13
Semiduráveis e não duráveis	4,51	-4,14	1,50	-2,31
INDÚSTRIA GERAL	0,09	-0,54	6,11	1,99

FONTE: PRODUÇÃO física industrial; número índice. Rio de Janeiro: IBGE, 2004
Disponível em: <http://www.sidra.ibge.gov.br/> Acesso em: 05 jul. 2004.

(1) Os dados têm como base igual período do ano anterior = 100. (2) Os dados têm como base os 12 meses anteriores = 100.

No caso dos bens duráveis de consumo, a elevada taxa de crescimento registrada no primeiro quadrimestre de 2004 deve ser creditada aos bons resultados alcançados pelo agronegócio, que impulsionaram as vendas de veículos de carga. “De janeiro a junho, o mercado total de veículos expandiu 11,7% na comparação com o primeiro semestre de 2003. Mas foi o segmento de caminhões — que alcançou a marca de 23% — o responsável pelo avanço.” (Olmos, 2004, p. B1). Esse notável aumento da demanda por veículos pesados, superior às previsões dos fabricantes, está fazendo com que os fabricantes de peças e componentes para essa indústria comecem a operar no limite da capacidade instalada. Desse modo, a expectativa de uma demanda crescente por esses veículos passa a exigir a realização de investimentos em ampliação da capacidade produtiva.

No segmento carros de passeio, observou-se uma recuperação das vendas e da produção, ainda lenta, no período analisado. A demanda por esses veículos vem sendo restringida pelo elevado custo do crédito e pela queda continuada na renda dos trabalhadores. A preocupação de representantes do setor é que, sem escala nas linhas de veículos de passeio, as matrizes das montadoras instaladas no País não terão interesse em investir, comprometendo, dessa forma, a competitividade dos veículos nacionais. Tal situação, segundo representantes das montadoras e dos fabricantes de autopeças, poderá ser contornada se o Governo voltar a dar incentivos para as montadoras na forma de redução da carga tributária e de linhas de crédito para a aquisição de veículos (Olmos, 2004, p. B1).

O segmento bens de consumo semiduráveis e não duráveis alcançou, no período analisado, uma tímida recuperação, cuja continuidade dependerá da evolução da renda e da produção, sobretudo dos setores intensivos em mão-de-obra. No acumulado de 12 meses, a taxa ainda apresenta um resultado negativo, reflexo da forte contração da produção desses bens, ocorrida em 2003, como resultado da redução da renda real e da diminuição da renda disponível para o consumo em razão do aumento dos preços administrados — luz, água, telefone e gás (Calandro; Campos, 2004).

A análise do desempenho da produção física por classes e gêneros de indústrias para o período em estudo permite desagregar um pouco mais essas informações. A Tabela 2 mostra as taxas acumuladas até os meses de fevereiro, março e abril de 2004, evidenciando, assim, o comportamento das diversas atividades industriais. Os melhores desempenhos foram alcançados por: material eletrônico, aparelhos e equipamentos de telecomunicações; e veículos automotores, com taxas superiores a 20% no período jan.-abr./04, destacando-se os itens telefones celulares e automóveis. As atividades mais dependentes do consumo interno, diretamente vinculadas à evolução do emprego e da renda, tais como farmacêutica (-7,6%), vestuário e acessórios (-3,2%), calçados e artigos de couro (-6,2%) e edições e impressões (-1,2%), apresentaram desempenho negativo, repetindo um comportamento já observado em meses anteriores.

Dentre os subsetores que mais cresceram no período analisado, destacam-se aqueles vinculados às exportações e à demanda da agricultura: extração de minerais metálicos não ferrosos (41,0%); sucos e concentrados de frutas (41,2%); fabricação de café (20,1%); celulose e pastas para fabricação de papel (8,5%); tratores e máquinas agrícolas (23,9%) e defensivos agrícolas (10,2%). No segmento produtor de bens de consumo duráveis, os destaques ficam com os eletrodomésticos — “linha marrom” (38,6%), “linha branca” (17,3%) — e com os automóveis (22,7%).

Tabela 2

Taxa de crescimento acumulada da produção física, por seções e atividades da indústria, no Brasil — dez./03-abr./04

(%)

SEÇÕES E ATIVIDADES	2003		2004	
	Jan.-Dez.	Jan.-Fev.	Jan.-Mar.	Jan.-Abr.
INDÚSTRIA GERAL	-0,08	2,51	5,91	6,11
Indústria extrativa	3,75	0,22	-0,74	-0,87
Indústria de transformação	-0,28	2,64	6,29	6,50
Alimentos	-1,44	0,12	3,13	2,81
Bebidas	-4,28	2,11	1,30	4,14
Fumo	-6,42	-18,08	-9,69	-2,69
Têxtil	-4,50	-1,07	2,19	3,81
Vestuário e acessórios	-12,25	-14,24	-5,56	-3,22
Calçados e artigos de couro	-9,79	-9,36	-4,57	-6,18
Madeira	5,31	1,31	7,48	8,79
Celulose, papel e produtos de papel	6,31	7,45	8,50	7,17
Edição, impressão e reprodução de gravações	0,73	-0,19	-0,24	-1,21
Refino de petróleo e álcool	-2,17	11,22	7,95	6,17
Farmacêutica	-9,13	-17,75	-8,65	-7,59
Perfumaria, sabões, detergentes e produtos de limpeza	0,94	4,96	11,35	9,70
Outros produtos químicos	3,04	3,20	5,24	5,40
Borracha e plástico	-3,37	0,44	4,84	5,94
Minerais não-metálico.....	-3,57	-2,60	-0,36	0,78
Metalurgia básica	5,84	1,94	0,97	0,96
Produtos de metal – exclusive máquinas e equipamentos	-5,51	-2,03	3,14	2,86
Máquinas e equipamentos	5,33	4,05	10,78	11,45
Máquinas para escritório e equipamentos de informática	7,96	61,00	52,59	39,14
Máquinas, aparelhos e materiais elétricos	1,80	5,03	8,01	8,56
Material eletrônico, aparelhos e equipamentos de comunicações	0,50	22,26	36,92	36,70
Equipamentos de instrumentação médico-hospitalar, ópticos e outros	-3,38	4,32	8,55	6,47
Veículos automotores	4,12	9,42	19,99	21,95
Outros equipamentos de transporte	9,15	-4,22	6,86	9,06
Mobiliário	-9,18	0,18	9,88	9,61
Diversos	-1,70	2,15	10,37	10,37

FONTE: PRODUÇÃO física industrial; número-índice. Rio de Janeiro: IBGE, 2004. Disponível em: <http://www.sidra.ibge.gov.br/>. Acesso em: 5 jul. 2004.

NOTA: Os dados têm como base o índice acumulado em igual período do ano anterior = 100.

Constata-se, a partir da evolução dos índices de produção física, que os resultados de abril reforçam as expectativas de retomada e elevação do patamar de produção em 2004, em relação ao observado em 2003. Esse comportamento vem sendo alcançado pelo desempenho favorável das atividades pertencentes aos segmentos produtores de bens de capital, de bens duráveis de consumo e de bens intermediários, "(...) segmentos que têm se beneficiado da performance favorável das exportações e do agronegócio, e, no caso de duráveis, da elevação das vendas a prazo" (Pesquisa..., 2004a). Já o segmento de bens de consumo semiduráveis e não duráveis, após três meses de queda, alcançou em abril uma taxa de crescimento modesta, 0,2% em relação ao mês anterior. Espera-se uma recuperação mais acentuada na atividade fabril de subsetores integrantes desse segmento na segunda metade de 2004, impulsionada pela expansão da atividade manufatureira e pelos conseqüentes aumentos no nível de emprego e na renda dos trabalhadores.

O contexto nacional e a indústria gaúcha

A recuperação da atividade industrial brasileira também se manifestou na maioria dos estados pesquisados pelo IBGE, conforme pode ser observado na Tabela 3, embora com taxas bastante diferenciadas. Conforme já foi observado em análises anteriores, tal fato "(...) reflete, em grande parte, as diferentes estruturas industriais e a capacidade da indústria local de adotar estratégias que devolvam a competitividade a seus produtos" (Calandro; Campos, 2004, p. 137).

Apenas a indústria do Rio de Janeiro ainda registrou desempenho negativo no indicador acumulado para o período jan.-abr./04, no confronto com o primeiro quadrimestre do ano passado, explicado, em grande medida, pelas paralisações programadas, que ocasionaram redução na produção de petróleo, com peso expressivo na composição do índice geral da indústria naquele estado. O melhor desempenho considerando esse indicador coube à indústria do Amazonas (15,7%), favorecido pela produção de material eletrônico e de comunicações, alimentos e bebidas. Esse resultado, assim como o das indústrias de São Paulo e do Paraná, impulsionadas pela produção de veículos automotores, o da indústria da Bahia, sustentada pela atividade de refino de petróleo e produção de álcool, e o da do Pará, apoiada no setor extrativo, situou-se acima da média nacional de 6,1%. Abaixo dessa média, mas com taxas positivas, posicionou-se a maioria dos estados: Santa Catarina, Pernambuco, Rio Grande do Sul, Espírito Santo, Goiás, Minas Gerais e Ceará.

Alimentos e bebidas, metalurgia básica, máquinas e equipamentos e veículos automotores foram as atividades mais citadas pela sua contribuição positiva à formação das taxas gerais (Pesquisa..., 2004b).

Tabela 3

Taxa de variação dos indicadores conjunturais da indústria, por locais pesquisados, no Brasil — 2003-abr./04

(%)

ESTADOS E PAÍS	JAN-DEZ/03 (1)	MENSAL (2) (Abr./04)	ACUMULADA NO ANO (1) (Jan.-abr./04)	ACUMULADA EM 12 MESES ATÉ ABR/04 (3)
Amazonas	3,63	13,79	15,66	9,04
Pará	6,75	6,16	6,27	6,98
Ceará	-1,53	-2,33	0,90	-2,25
Pernambuco	2,65	5,56	4,48	1,94
Bahia	-6,44	5,49	6,75	0,62
Minas Gerais	6,72	3,50	1,29	1,07
Espírito Santo	0,55	6,14	3,37	3,29
Rio de Janeiro	-3,32	-3,98	-1,13	-1,35
São Paulo.....	-0,87	10,67	8,34	2,04
Paraná.....	5,67	4,58	8,09	6,73
Santa Catarina	-5,01	10,28	4,75	-2,33
Rio Grande do Sul	-0,98	2,67	3,65	-0,03
Goiás	4,55	-1,21	2,88	2,42
Brasil	-0,08	6,69	6,11	1,99

FONTE: PESQUISA industrial mensal: produção física regional. **Indicadores IBGE**. Rio de Janeiro: IBGE, 2004. Disponível em:

<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/industria/pimpfregional/default.shtm>

Acesso em: 5 jul. 2004.

(1) Os dados têm como base o índice acumulado em igual período do ano anterior = 100.

(2) Os dados têm como base o índice do mesmo mês do ano anterior = 100. (3) Os dados têm como base o índice acumulado nos 12 meses anteriores = 100.

No que se refere à taxa anualizada, medida pelo indicador acumulado nos últimos 12 meses, permanecem ainda quatro performances negativas — Santa Catarina, Ceará, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul —, embora todas, com exceção da indústria cearense, com taxas menores do que as registradas no acumulado do ano de 2003. Naquela ocasião, a atividade manufatureira já se encontrava em recuperação, mas só metade dos estados tinha logrado evoluir

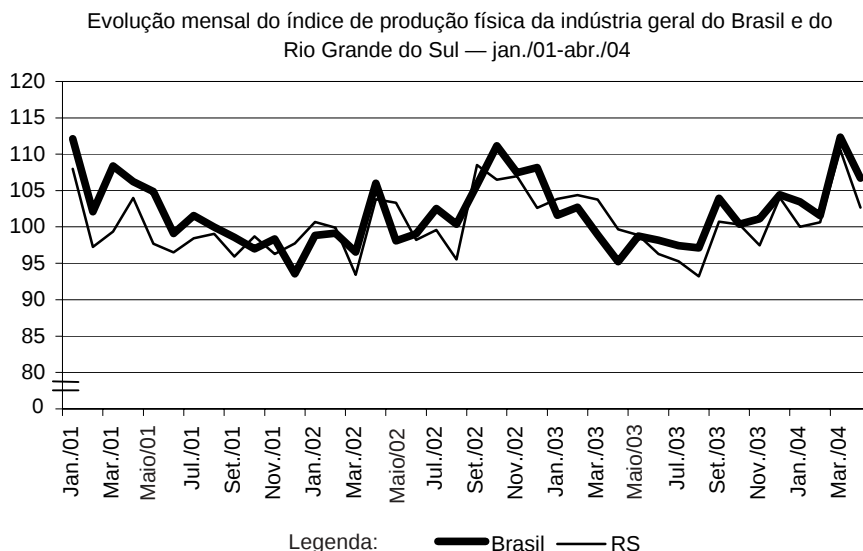
para taxas positivas. Assim, os resultados anualizados no primeiro quadrimestre de 2004 mostram um quadro mais favorável, com a maioria dos estados trilhando claramente uma trajetória expansiva. O importante a destacar, entretanto, é que há locais, como o Pará, em que o indicador anualizado se manteve praticamente estável entre dezembro de 2003 e abril de 2004, ou, então, como Minas Gerais e Goiás, que apresentaram tendência declinante nesse mesmo período.

Quanto ao indicador mensal, três estados superaram a média nacional de 6,7%, com um crescimento superior a 10%: Amazonas, São Paulo e Santa Catarina, os dois últimos beneficiados pela base de comparação fortemente deprimida. A pior performance ocorreu na indústria do Rio de Janeiro, que apresentou uma queda de 4,0%. Ceará e Goiás também experimentaram taxas de crescimento negativas, mas de menor magnitude. De modo geral, entretanto, os resultados mensais delineiam um quadro amplamente positivo, fortalecendo a tendência de recuperação da atividade fabril.

A indústria gaúcha situou-se abaixo da média nacional em todos os indicadores considerados (respectivamente, 2,67%, 3,65% e -0,03% em oposição a 6,69%, 6,11% e 1,99%), o que pode ser atribuído à base de comparação relativamente mais elevada no primeiro semestre de 2003, quando a atividade manufatureira local superou a sua congênere nacional durante vários meses (Campos; Calandro, 2003). Por um lado, tal situação reflete o favorecimento da indústria gaúcha pela sua vinculação com a agropecuária, a jusante e a montante, com segmentos importantes direcionados para o mercado externo, que se mostrava mais favorável para a comercialização desses produtos naquela ocasião. Por outro lado, o resultado mais favorável da indústria brasileira no primeiro quadrimestre de 2004 "(...) sinaliza que o impacto da redução da demanda doméstica sobre aquela indústria foi bem maior no ano passado (...)" (IDI..., 2004), e, portanto, esse seu maior crescimento atual reflete com mais intensidade a recuperação do mercado interno em curso.

No intuito de aprofundar a comparação entre o desempenho dos setores industriais brasileiro e gaúcho, são apresentadas, no Gráfico 2, as taxas de crescimento da produção física da indústria de transformação do Brasil e do Rio Grande do Sul, com base nos índices mensais (comparação mês/mesmo mês do ano anterior), a partir de 2002.

Gráfico 2



FONTE: PRODUÇÃO física industrial: Brasil e Rio Grande do Sul; número-índice. Rio de Janeiro: IBGE, 2004. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/> Acesso em: 24 jun. 2004.

NOTA: Os índices têm como base o mesmo mês do ano anterior.

A observação da evolução das taxas de crescimento de imediato permite algumas constatações relevantes. Em primeiro lugar, verifica-se uma clara trajetória de recuperação da atividade fabril desde o segundo semestre de 2003, notadamente a partir do mês de agosto, tanto para a indústria brasileira (que já havia apresentado uma inflexão no final do primeiro semestre) quanto para a gaúcha. A seqüência de dados mensais negativos tornou-se positiva a partir de setembro, e, embora alternando taxas de crescimento mensais maiores e menores, a tendência é de crescimento, fruto do abrandamento da política monetária e dos efeitos positivos de uma conjuntura externa mais favorável, que melhoraram as condições macroeconômicas do País.

Outro aspecto a ressaltar quando se analisa a performance dessas duas indústrias é a semelhança de trajetória das taxas de crescimento num prazo mais longo. O que muda é a magnitude das mesmas, alternando posições, algumas vezes mais elevadas para a indústria brasileira e, em outras, com

mais destaque para a atividade industrial gaúcha. Entre abril de 2002 e maio de 2004, houve uma maior frequência de taxas de crescimento mensais nacionais, que superaram as da indústria estadual (17 contra nove registros). É importante destacar que essa situação, em especial com referência ao ano de 2003, contradiz as análises anteriormente realizadas nesta Revista, baseadas nos indicadores divulgados pelo IBGE, nas quais se enfatizava a presença de taxas de crescimento superiores da atividade industrial gaúcha. Ocorre que essa instituição, que é a responsável pela pesquisa, pelo cálculo e pela divulgação dos índices de produção física industrial, em nível de Brasil e estados selecionados, passou a divulgar uma série reformulada dos mesmos, o que explica essas diferenças.⁵

Indústria gaúcha no primeiro quadrimestre de 2004: em ritmo de recuperação

A retomada da atividade industrial gaúcha no primeiro quadrimestre de 2004 foi amplamente influenciada pelo desempenho do agronegócio e das exportações, impulsionado pelo aumento da produção agrícola nacional e da demanda externa. No Estado, é grande a presença de ramos industriais fortemente vinculados à agropecuária, principalmente daqueles que direcionam boa parte de sua produção para o mercado externo, o que explica a sua importância para a performance do setor industrial como um todo. Além dos setores que são diretamente beneficiados por esses fatores, ocorrem ainda os benefícios indiretos sobre diversas outras indústrias, através dos encadeamentos existentes no tecido industrial do Estado. Um exemplo disso são os efeitos ampliados sobre o desempenho das atividades de metalurgia básica (aço) e de fabricação de artigos borracha (pneus), decorrentes da expansão da produção de máquinas agrícolas e de veículos automotores, reboques e carrocerias.

No que se refere às exportações, a demanda externa aquecida, a entrada da China como grande importador do Estado e a retomada do mercado

⁵ Deve-se acrescentar que a divulgação da série reformulada de índices mensais da produção física industrial objetivou "(...) produzir indicadores para aquelas Unidades da Federação que no triênio 1998/2000 responderam por pelo menos 1% do Valor da Transformação Industrial (...)". Além disso, "(...) a série anterior, com início em janeiro de 1991, regionalmente, foi encadeada à nova nas atividades em que houve uma relativa aderência entre as duas séries" (Pesquisa..., 2004b).

argentino despontam como os principais fatores de dinamismo da expansão das vendas externas. As exportações gaúchas somaram US\$ 3,64 bilhões nos primeiros cinco meses de 2004 comparativamente ao mesmo período de 2003, o que representou um crescimento de 27,7% e rendeu um pequeno aumento na participação (10,7%) do Estado no total das exportações brasileiras (Exportações..., 2004). O leque dos principais produtos industriais exportados abrange máquinas agrícolas e motores, material de transporte (autopeças e carroçarias), produtos alimentares (óleo e farelo de soja), calçados, plásticos, móveis e fumo em folha. Dentre os principais destinos, destacam-se a Argentina, a China, os Estados Unidos e a Itália.

A Tabela 4 apresenta a evolução das variações dos indicadores acumulados no ano e em 12 meses (anualizadas) referente ao desempenho da indústria gaúcha, sempre comparada com a de igual período do ano anterior.

Tabela 4

Taxa acumulada da produção física no Rio Grande do Sul — abr./03-abr./04

(%)

PERÍODOS	ACUMULADA NO ANO (1)	ACUMULADA EM 12 MESES (2)
Até abr./03	2,76	2,37
Até maio/03	1,90	1,91
Até jun./03	0,95	1,68
Até jul./03	0,11	1,25
Até ago./03	-0,78	1,02
Até set./03	-0,61	0,36
Até out./03	-0,51	-0,22
Até nov./03	-0,70	-1,05
Até dez./03	-0,35	-0,35
Até jan./04	0,00	-0,63
Até fev./04	0,31	-0,90
Até mar./04	4,02	-0,30
Até abr./04	3,65	-0,03

FONTE: PRODUÇÃO física industrial; número-índice. Rio de Janeiro: IBGE, 2004. Disponível em: <http://www.sidra.ibge.gov.br/> Acesso em: 5 jul. 2004.

(1) Os dados têm como base o índice acumulado em igual período do ano anterior = 100.

(2) Os dados têm como base os 12 meses anteriores = 100.

A seqüência de dados confirma a trajetória de recuperação que iniciou no segundo semestre de 2003 e que se prolongou pelos primeiros quatro meses de 2004. Em ambas as séries, observa-se um decréscimo nas taxas acumuladas a partir de abril de 2003, alcançando um ponto de máximo em novembro, quando

o resultado acumulado no ano foi -0,70%, e o acumulado em 12 meses, -1,05%. Embora, em abril de 2004, a taxa anualizada ainda seja levemente negativa (apenas -0,03%), os resultados do mês de maio deverão ser amplamente positivos, tendo em vista outros indicadores que se mostram favoráveis ao desempenho industrial.

Além do abrandamento da política monetária, que abriu espaço para a retomada dos níveis de produção industrial, ainda que marcada pelo crescimento heterogêneo em nível setorial, também está em curso uma recuperação gradual do mercado interno brasileiro. Tal recuperação é particularmente importante, pois a retração da demanda doméstica foi um dos fatores que mais influenciou a performance desfavorável das indústrias de transformação nacional e regional no ano passado.

A Tabela 5 traz informações pertinentes à evolução de indicadores do mercado de trabalho e do comércio varejista no Brasil e no Rio Grande do Sul, no primeiro quadrimestre de 2003.

Tabela 5

Indicadores selecionados do nível de atividade no Brasil e no Rio Grande do Sul — 2003/04 (%)

INDICADORES	ACUMULADO NO ANO (1)		ACUMULADO EM 12 MESES (2)
	Até Dez./03	Até Abr./04	Até Abr./04
Pessoal ocupado assalariado na indústria			
Brasil	-0,68	-0,64	-0,98
Rio Grande do Sul	-0,94	-2,75	-2,46
Folha de pagamento real na indústria			
Brasil	-4,34	9,20	0,76
Rio Grande do Sul	-0,94	6,10	1,81
Horas pagas na indústria			
Brasil	-0,94	-0,16	-0,97
Rio Grande do Sul	-1,81	-2,10	-2,56
Volume do comércio varejista			
Brasil	-3,68	8,01	0,42
Rio Grande do Sul	-3,24	6,86	0,48

FONTE: PESQUISA INDUSTRIAL MENSAL DE EMPREGO E SALÁRIO (PIMES). **Indicadores IBGE**. Rio de Janeiro: IBGE, 2003, dez. 2004, fev. abr. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/industria/pimes/default.shtm>> Acesso em: 16 jun. 2004.

PESQUISA MENSAL DE COMÉRCIO (PMC). **Indicadores IBGE**. Rio de Janeiro: IBGE, 2003, dez.; 2004, fev., abr. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/comercio/pmc/default.shtm>> Acesso em: 16 jun. 2004.

(1) Os dados têm como base o mesmo período do ano anterior = 100. (2) Os dados têm como base os 12 meses anteriores = 100.

Observa-se, de imediato, que, embora os níveis de ocupação na indústria ainda não tenham evoluído satisfatoriamente, houve um sensível crescimento na massa salarial industrial, em nível tanto nacional como regional (respectivamente, 9,20% e 6,10%), que, juntamente com o crescimento no volume do comércio varejista (8,01% e 6,86%), sinaliza uma expansão do nível de atividade econômica. Informações recentes apontam a manutenção dessa situação favorável.

A análise da evolução da produção industrial por atividades possibilita uma melhor qualificação dos resultados acumulados. A Tabela 6 apresenta as taxas de crescimento referentes às 14 atividades pesquisadas pelo IBGE, considerando a série reformulada da pesquisa industrial mensal.

A taxa de crescimento de 3,65% acumulada no quadrimestre resultou dos avanços em 10 atividades industriais e dos recuos em outras quatro. De imediato, destaca-se a magnitude das taxas positivas, as quais foram geralmente superiores à média do Estado (3,65%), com duas exceções apenas: edição, impressão e reprodução de gravações e produtos de metal - exclusive máquinas e equipamentos. Ou seja, a presença de quatro taxas superiores a 10%, incluindo refino de petróleo e produção de álcool, borracha e plástico, máquinas e equipamentos e veículos automotores, foi parcialmente neutralizada pelas taxas de crescimento negativas de calçados e artigos de couro, fumo, outros produtos químicos e alimentos, que, juntos, respondem por 46,7% do Valor da Transformação Industrial (VTI) da indústria do Rio Grande do Sul, segundo a Pesquisa Industrial Anual (PIA) — Tabela 6 do **Anexo 1: Indústria**.

A segunda constatação que se pode extrair da Tabela 6 do **Anexo 1: Indústria** é que as taxas negativas foram menos expressivas do que as ocorridas no primeiro quadrimestre de 2003 e, com exceção das atividades fabricação de produtos de fumo e calçados, menores do que as do acumulado do ano de 2003.

Dentre as contribuições positivas referentes ao mês de abril, o destaque pertence à indústria de bebidas (27,57%), pelo aumento na produção de vinhos; à metalurgia básica (36,87%), pela expansão da fabricação de barras de aço, embora seja importante lembrar que a base de comparação (abr./03) foi comprimida; e ao fumo (6,54%), pelo acréscimo em produtos do fumo e cigarros. Em termos de performance negativa, destaca-se, pela sua importância na composição da indústria gaúcha e por suas implicações sobre o emprego industrial, o expressivo recuo na produção de calçados e artigos de couro.

Tabela 6

Taxa de crescimento acumulada da produção física, por seções e atividades da indústria, no RS — 2003/04

(%)

SEÇÕES E ATIVIDADES	ABR/04 (1)	ACUMULADA NO ANO (2)			ACUMULADA NOS ÚLTIMOS 12 MESES ATÉ ABR/04 (3)
		Jan.- -Abr./03	Jan.- -Dez./03	Jan.- -Abr./04	
INDÚSTRIA GERAL	2,67	2,76	-0,35	3,65	-0,03
Indústria extrativa	-	-	-	-	-
Indústria de transformação	2,67	2,76	-0,35	3,65	-0,03
Alimentos	-0,87	-12,27	-8,95	-0,51	-5,28
Bebidas	27,57	0,4	-4,94	9,75	-1,75
Fumo	6,54	7,84	-5,74	-5,72	-11,3
Calçados e artigos de couro	-12,46	-1,11	-4,43	-7,24	-6,31
Celulose, papel e produtos de papel	6,25	21,56	12,57	6,67	8,08
Edição, impressão e reprodução de gravações	-0,13	-17,55	-14,83	3,45	-8,32
Refino de petróleo e álcool ..	2,68	-7,8	-3,58	10,23	2,28
Outros produtos químicos	-6,21	37,08	14,44	-4,39	2,62
Borracha e plástico	11,17	-5,46	-3,95	12,78	2,02
Metalurgia básica	36,87	5,21	1,3	19,2	5,68
Produtos de metal - exclui- ve máquinas e equipamen- tos	9,16	2,54	5,32	2,78	5,38
Máquinas e equipamentos ...	5,22	20,21	11,16	18,74	11,18
Veículos automotores	9,54	5,05	5,84	15,47	9,32
Mobiliário	-7,96	-8,03	-9,6	3,73	-6,31

FONTE: PRODUÇÃO física industrial; número-índice. Rio de Janeiro: IBGE, 2003/2004.

Disponível em: <http://www.sidra.ibge.gov.br> Acesso em: 5 jul. 2004.

NOTA: A nova pesquisa de produção física industrial mensal, referente ao Rio Grande do Sul, exclui vários grupos de atividades: têxtil; vestuário e acessórios; madeira; farmacêutica; perfumaria, sabões, detergentes e produtos de limpeza; outros produtos químicos; minerais não-metálicos, máquinas para escritório e equipamentos de informática; máquinas, aparelhos e materiais elétricos; material eletrônico, aparelhos e equipamentos de comunicações; outros equipamentos de transporte; e diversos.

(1) Índice mensal com base em igual mês do ano anterior = 100. (2) Índice acumulado com base em igual período do ano anterior = 100. (3) Índice acumulado com base nos 12 meses anteriores = 100.

Considerando o acumulado do primeiro quadrimestre, modificam-se parcialmente as pressões negativas e positivas que atuaram na definição da taxa global da indústria. Máquinas e equipamentos, veículos automotores e refino de petróleo e produção de álcool — respectivamente, a produção de máquinas para colheita e tratores agrícolas; reboques e semi-reboques; e óleo diesel — representam os principais impulsos positivos, enquanto a fabricação de calçados e de produtos alimentícios — produção de tênis e calçados de couro; torta de soja e carnes de aves — respondem pelos impactos negativos.

A seguir, serão comentadas as duas atividades que mais contribuíram, em termos positivos e negativos, para a formação da taxa global da indústria de transformação no Rio Grande do Sul, no primeiro quadrimestre de 2004, quando comparado com igual período de 2003.

A produção de máquinas e equipamentos foi a atividade com maior contribuição positiva. Na atividade, o destaque coube para a fabricação de bens de capital para fins agrícolas, responsável por parcela expressiva do Valor Bruto da Produção (VBP) e do VTI do total da indústria. O Rio Grande do Sul abriga um número expressivo de grandes empresas nacionais e internacionais do setor, que produzem tratores de todos os portes, colheitadeiras, cultivadores, sistemas de armazenagem de grãos e implementos diversos. Essas empresas vendem sua produção tanto para o mercado interno como para o externo, “(...) produzindo produtos tecnologicamente desenvolvidos e a preços competitivos” (Campos; Calandro, 2003, p. 97).

O bom desempenho do segmento produtor de máquinas e equipamentos para a agricultura já persiste há alguns anos, mais especificamente desde a implementação do Programa de Modernização da Frota Agrícola (Moderfrota), em 2000. Desde a sua criação, o Programa já liberou R\$ 7,250 bilhões a juros reduzidos para financiamento de equipamentos, recursos que permitiram a renovação de mais de 40% da frota. Especificamente em 2004, foi concedido um aporte de recursos no valor de R\$ 1,2 bilhão.

Segundo estimativas da Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea), existem atualmente, no País, cerca de 390 mil tratores e 50 mil colheitadeiras, dos quais cerca de 33% são obsoletos, isto é, possuem mais de 12 anos de uso (no caso de tratores) ou de 10 anos (no caso das colheitadeiras). Esses percentuais já representam um avanço significativo sobre a situação vigente em 1999, antes da criação do Moderfrota. Naquela ocasião, 40% dos tratores e 56% das colheitadeiras eram considerados obsoletos. O ideal seria que 90% da frota fosse composta por máquinas atualizadas tecnologicamente e com menor número de anos de uso (Soares, 2004).

Nos primeiros cinco meses de 2004, em comparação com o mesmo período no ano anterior, a produção (26.438 unidades) aumentou 24,4%; as vendas domésticas (15.926 unidades), 7,7%; e as exportações (12.420 unidades), 75,4%. O aquecimento das vendas externas, as quais representaram 45% do total das unidades comercializadas no período, tem compensado a relativa perda de dinamicidade do mercado doméstico já evidenciada no decorrer do ano de 2003, sustentando os níveis de produção dessa indústria (Carta Anfavea, 2004). O câmbio favorável para as exportações, a estratégia exportadora adotada pela fábricas brasileiras, principalmente as plantas de empresas estrangeiras cujas matrizes determinam as estratégias a serem adotadas, bem como o retorno do mercado argentino e a abertura e o fortalecimento de novos mercados, como, por exemplo, a China, são fatores que vêm favorecendo a excelente performance das exportações.

O enorme crescimento do segmento produtor desses bens nos últimos quatro anos pode estar perdendo parte de seu ímpeto, conforme argumenta Pêrsio Pastre, Vice-Presidente da Anfavea. Os grandes produtores agrícolas já estariam próximos do esgotamento do processo de renovação de suas frotas, concentrado nos primeiros três anos de vigência do Programa, e a tendência atual é de renovar apenas parte das máquinas. Outro fator que estaria colaborando para o fraco desempenho das vendas internas refere-se à quebra da safra de soja no Rio Grande do Sul, que encolheu os lucros dos grandes produtores (Bouças, 2004).

Mas as estimativas continuam indicando crescimento das vendas no mercado interno, embora com taxas muito inferiores àquelas referentes às exportações. A expectativa é de que a alavancagem das vendas domésticas em 2004, e nos próximos anos, passe a ser propiciada pelos pequenos produtores rurais, beneficiados com o expressivo aporte de recursos disponibilizados no âmbito do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf). O maior acesso desses produtores às fontes de financiamento tem possibilitado o aumento da representatividade da agricultura familiar. Conforme cita Bouças (2004, p. B12), para Pastre "(...) este mercado [dos grandes produtores] atingiu a maturidade. O potencial de crescimento está nos pequenos produtores, que ainda não se mecanizaram totalmente". Com base em dados da Anfavea, pode-se verificar o crescimento na produção e na venda de pequenas máquinas que são usadas nas propriedades agrícolas de menor porte, tais como cultivadores motorizados e modelos de tratores mais leves, compactos, menos sofisticados e mais baratos, desenvolvidos para atender à demanda em expansão desse segmento de mercado.

O desempenho favorável do setor tem estimulado a realização de investimentos de ampliação da capacidade instalada. AAGCO, uma das grandes empresas fabricantes de bens de capital para a agricultura, investiu em suas plantas, em Canoas e Santa Rosa, aumentando a produção de colheitadeiras em 80 unidades/mês e a de tratores em 40 unidades/dia. Além disso, a empresa pretende construir uma nova planta de montagem de tratores no Estado do Mato Grosso, de modo a localizar-se mais próximo do mercado consumidor. O grande avanço da agricultura na Região Centro-Oeste impulsiona o aumento na demanda de máquinas na Região.

As expectativas da Anfavea para o setor em 2004, anunciadas no início do ano, são bastante otimistas. Espera-se que os embarques atinjam US\$ 1,3 bilhão, alta de 35% sobre 2003, e que as vendas internas aumentem 7% (Bouças, 2004). Entretanto, agora, no final do primeiro semestre, já pairam dúvidas sobre se as vendas internas alcançarão os 7% projetados. Fatores como a estiagem na Região Sul, o excesso de chuva na Região Centro-Oeste, o embargo das exportações de soja para a China e o menor preço praticado para esse grão no mercado internacional deverão afetar o desempenho do setor.

Dentre as pressões negativas exercidas no indicador acumulado do primeiro quadrimestre de 2004, o IBGE destacou as atividades de fabricação de calçados e artigos de couro (-7,23%) e de fabricação de alimentos (-0,51%), ambas com expressiva representatividade no VTI do Rio Grande do Sul (respectivamente, 13,54% e 15,18%). Além dessas duas, também apresentaram diminuição do volume fabricado de outros produtos químicos (especialmente polietileno) e produtos do fumo, com quedas de, respectivamente, 4,39% e 5,72% no quadrimestre.

A produção de calçados e artigos de couro vem se contraindo sistematicamente nos últimos anos, a despeito dos expressivos esforços de reestruturação e de busca de mercados alternativos aos dos Estados Unidos e da Argentina, empreendidos pelos empresários do setor. A estagnação do mercado interno, em grande medida decorrente da queda na renda dos trabalhadores, da manutenção de juros elevados e da elevação das taxas de desemprego, não tem sido compensada pela expansão das exportações⁶, da mesma forma como vem ocorrendo com máquinas e implementos agrícolas.

⁶ Até 2003, as exportações de calçados gaúchas ainda apresentavam queda em relação ao ano anterior. Essa situação começou a mudar no final daquele ano e, no acumulado dos primeiros cinco meses de 2004, comparativamente a igual período do ano passado, o valor das vendas externas cresceu 6,3%, acompanhando a tendência de crescimento já observada no total das exportações brasileiras do setor (Abicalçados, 2004).

O Brasil é o terceiro produtor e exportador mundial de calçados, mas o consumo *per capita* desse bem ainda é muito reduzido, apesar de possuir um mercado interno potencial grande e em expansão. O Rio Grande do Sul, por sua vez, continua sendo o maior produtor e exportador de calçados do Brasil, mas vem perdendo espaço principalmente para os novos pólos calçadistas que se formaram nos últimos anos. Nesse contexto, destaca-se o pólo de Sobral, no Ceará, que, aproveitando-se da oferta de mão-de-obra de baixo custo e de benefícios fiscais, vem se desenvolvendo rapidamente, produzindo calçados para os mercados interno e externo. Os últimos dados disponíveis sobre exportações de calçados já mostram o Ceará em segundo lugar no *ranking* dos estados exportadores, superando a tradicional vice-liderança do Estado de São Paulo.

Embora venha perdendo representatividade no total do VTI da indústria gaúcha,⁷ a atividade de preparação do couro e fabricação de calçados absorve 31% da mão-de-obra ocupada na indústria, o que lhe confere uma enorme importância econômica e social. E essa importância cresce ainda mais quando se consideram todos os elos da cadeia produtiva couro-calçados, ou seja, a produção de máquinas e ferramentas, acessórios e componentes, insumos da indústria química, etc.

Uma tendência que está se fortalecendo na indústria calçadista gaúcha e que deve ser salientada refere-se à sua crescente “(...) especialização em *design*, centros de pesquisas sobre tecnologia do couro e afins, e estúdios de *design* e de desenvolvimento de produtos voltados para empresas que não têm como custear um departamento próprio” (Malta, 2004, p. A-5). O investimento em *design* confere um diferencial para o calçado, agregando valor e aumentando o potencial competitivo do produto gaúcho no Exterior. Paralelamente a isso, está se implantando um outro diferencial competitivo, a automação da cadeia produtiva, da codificação da matéria-prima até a tecnologia de leitura óptica nas lojas. A diminuição da dependência do mercado norte-americano, que caiu de 80% para 60%, ampliou o espaço do empresariado brasileiro para investir na venda para o Exterior de calçados com *design* desenvolvido para o mercado interno e na distribuição com marca própria, e a integração entre a indústria e o varejo enseja a diminuição de custos na cadeia produtiva. Um dos principais aspectos que devem ser observados é a padronização do código de barras, que

⁷ Com base na Pesquisa Industrial Anual-Empresa, elaborada e divulgada pelo IBGE, a participação da atividade de preparação de couros e fabricação de artefatos de couro, artigos de viagem e calçados no total do VTI da indústria do Rio Grande do Sul caiu de 15,57% em 1996 para 13,54% em 2002.

“(...) facilita transporte, embarque, desembarque, distribuição, logística e desembaraço das exportações em todos os mercados do planeta” (Maniero, 2004, p. A-3).

Considerações finais

Ficou evidente que tanto a indústria brasileira como a regional estão trilhando uma trajetória de recuperação. A dúvida é se esse crescimento é sustentável e se tem condições de se manter no segundo semestre. A política econômica que vem sendo adotada não é de crescimento, é focada na recuperação da credibilidade externa e no controle da inflação, e o setor produtivo industrial reclama da instabilidade política e da nova elevação da carga tributária, que prejudicam o planejamento e os investimentos no setor. De positivo no quadrimestre analisado, destaca-se o anúncio de uma nova política industrial, que prioriza alguns setores específicos, mas que, até agora, ficou restrita ao lançamento do Programa de Financiamento para Compra de Máquinas e Equipamentos (Modernaq).

As perspectivas para os próximos meses são de continuidade de crescimento das atividades industriais brasileira e gaúcha, embora a expansão da indústria de transformação nacional deva superar os resultados regionais, inclusive em razão da base de comparação que lhe é mais favorável. O desempenho dos segmentos ligados à agroindústria, com forte presença no Rio Grande do Sul, e dos segmentos voltados para o mercado externo deverá continuar impactando as taxas de crescimento da indústria. Além disso, a recuperação gradual do mercado interno, sinalizada por fatores como a expansão das vendas do comércio varejista e da massa salarial da indústria, deverá contribuir para a manutenção de um desempenho industrial positivo.

Referências

ABICALÇADOS. Estatísticas. Novo Hamburgo, 2004. Disponível em: http://www.abicalcados.com.br/index.php?page=estatisticas_resenhas Acesso em: 14 jun. 2004.

ARMADILHA trava crescimento, diz economista. **Folha de São Paulo**, 30 nov. 2003. (entrevista de Lúcia Goldenstein).

BOLETIM DE CONJUNTURA. Rio de Janeiro: IPEA, n. 65, jun. 2004.

BOUÇAS, Cibelle. Vendas de máquinas devem crescer 7%. **Valor Econômico**, São Paulo, p. B12, 26 abr. 2004.

CALANDRO, Maria Lucrecia; CAMPOS, Sílvia Horst. Produção industrial brasileira e gaúcha em 2003: mais um ano de estagnação. **Indicadores Econômicos FEE**, Porto Alegre, v. 31, n. 4, p. 125-158, 2004.

CAMPOS, Sílvia Horst; CALANDRO, Maria Lucrecia. Produção das indústrias brasileira e gaúcha no primeiro quadrimestre de 2003: retração à vista. **Indicadores Econômicos FEE**, Porto Alegre, v. 31, n. 2, p. 77-105, 2003.

CARTA DA ANFAVEA. São Paulo, n. 217, jun. 2004.

EXPORTAÇÕES do RS crescem 27,7% nos primeiros cinco meses. Porto Alegre: FIERGS/CIERGS, 2004. Disponível em: <http://www.fiergs.org.br/noti23.htm> Acesso em: 5 jul. 2004.

IDI: crescimento de maio consolida a recuperação. **Informe Econômico**, Porto Alegre: FIERGS/CIERGS, 12/19 jul. 2004. Disponível em: <http://www.fiergs.org.br/noti18.htm> Acesso em: 12 jul. 2004.

INDICADORES DIESP, 2004. São Paulo, FUNDAP, v. 13, n. 99, mar./abr. 2004.

MALTA, Christiane Bueno. Setor calçadista tende a empregar mais. **Gazeta Mercantil**, São Paulo, p. A-5, 28 jun. 2004.

MANIERO, Ana Paulo Vendramini. Automação no setor de calçados. **Gazeta Mercantil**, São Paulo, p. A-3, 14 jun. 2004.

OLMOS, Marli. Campo sustenta o setor automotivo. **Valor Econômico**, p. B15, jul. 2004.

PESQUISA INDUSTRIAL MENSAL: produção física Brasil. **Indicadores IBGE**. Rio de Janeiro: IBGE, abr. 2004a. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/industria/pimpbr/default.shtm> Acesso em: 17 jun. 2004.

PESQUISA INDUSTRIAL MENSAL: produção física regional. **Indicadores IBGE**. Rio de Janeiro: IBGE, abr. 2004b. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/industria/pimpregional/default.shtm> Acesso em: 17 jun. 2004.

SOARES, Paulo. Venda de tratores cresce 11% até março. **Gazeta Mercantil**, São Paulo, p. B-12, 10-11 abr. 2004.

USO da capacidade é o maior da história. **Jornal do Comércio**. Porto Alegre, p. 7, 8 jul. 2004.